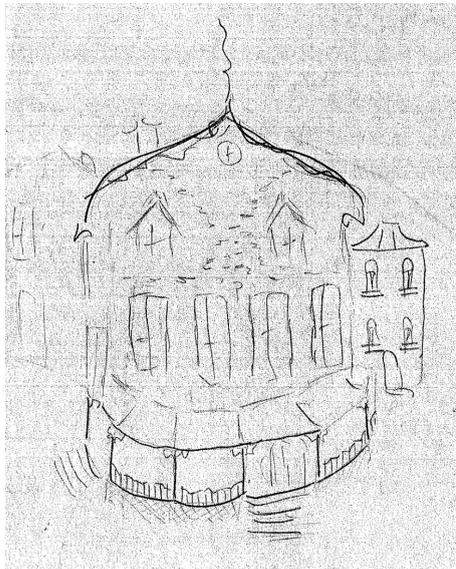


UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GEOGRAFIA

ANA JÚLIA COELHO PATRÍCIO

**GEOGRAFIA, LITERATURA, ARTE E VIDA: vidas em geografias e vidas em
literatura que se encontram na Casa da Colina**



JUIZ DE FORA

2023

Desenho da capa: original de Shirley Jackson, feito como esboço para o livro *A assombração da Casa da Colina*.

Ana Júlia Coelho Patrício

**GEOGRAFIA, LITERATURA, ARTE E VIDA: vidas em geografias e vidas em
literatura que se encontram na Casa da Colina**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Geografia da
Universidade Federal de Juiz de Fora como
requisito à obtenção do título de Licenciada
em Geografia, sob orientação do Professor
Doutor Jader Janer Moreira Lopes.

JUIZ DE FORA

2023

Ana Júlia Coelho Patrício

GEOGRAFIA, LITERATURA, ARTE E VIDA: vidas em geografias e vidas em literatura que se encontram na Casa da Colina

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito à obtenção do título de Licenciada em Geografia, sob orientação do Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes.

Aprovada em 19 de janeiro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Juliana Maddalena Trifilio Dias
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Luiz Miguel Pereira
Universidade Federal Fluminense

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Patrício, Ana Júlia Coelho.

Geografia, Literatura, Arte e Vida : vidas em geografias e vidas em literatura que se encontram na Casa da Colina / Ana Júlia Coelho Patrício. -- 2023.

56 p. : il.

Orientador: Jader Janer Moreira Lopes

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, 2023.

1. Geografia. 2. Literatura. 3. Lugar. 4. Vivência. 5. Shirley Jackson. I. Lopes, Jader Janer Moreira, orient. II. Título.

*“Past me
I wanna tell you not to get lost in these petty
things
Your nemeses
Will defeat themselves before you get the
chance to swing”*

*[Antiga eu
Quero te dizer para não se perder nessas
coisas pequenas
Seus nêmesis
Vão se derrotar sozinhos antes que você
tenha a chance de fazê-lo]*

(TAYLOR SWIFT, long story short, 2020)

À todos aqueles que se dispõe a
compartilhar seus lugares através de
palavras.

AGRADECIMENTOS

É comum que os agradecimentos venham logo no início do trabalho, um certo consenso que se estabeleceu ao longo do tempo. Apesar de não ser um elemento obrigatório, sabemos que nenhum trabalho se faz sozinho, daí, a importância desse registro. Seguindo com a proposta de construir um trabalho o menos conformativo e dentro de moldes que tanto nos limitam, fiz a opção de inserir os agradecimentos ao final do trabalho, onde sinto que fará mais sentido dentro daquilo que irei apresentar ao decorrer dessas páginas.

RESUMO

A ciência geográfica com sua ampla área de atuação possui pontos onde aproximações são não só possíveis e necessárias, mas também extremamente interessantes, abrindo um mundo de possibilidades de diálogo com outras ciências e com os mais diversos sujeitos partindo de variadas abordagens. Assim, o seguinte trabalho tem por intenção estabelecer e fortalecer diálogos e aproximações entre Geografia e Literatura, utilizando como fio condutor dessa discussão a obra “A assombração da Casa da Colina” de Shirley Jackson. Nas páginas a seguir, será desenvolvido um exercício reflexivo para pensar o lugar na literatura e a literatura no lugar, trabalhando com conceitos tão caros à Geografia como espaço e lugar em sua relação com o imaginário e em seu potencial criador concreto a partir de uma abordagem que destaca e prioriza a esfera do sensível ao trabalhar com essas questões.

Palavras-chaves: geografia, literatura, lugar, vivência, Shirley Jackson.

ABSTRACT

The Geographical science with its wide area of activity has points where approximations are not only possible and necessary but also extremely interesting, opening a world of possibilities of dialogue with other sciences and with the most diverse subjects starting from various approaches. Thus, the following work aims to establish and strengthen dialogues and approximations between Geography and Literature, using as the guiding thread of this discussion the book “The haunting of Hill House” by Shirley Jackson. In the following pages will be developed a reflective exercise to think about the places in literature and literature in places, working with concepts dear to Geography as space and place in its relationship with the imaginary in its creative potential from an approach that highlights and prioritizes the sphere of the sensible when working with these issues.

Keywords: geography, literature, place, experience, Shirley Jackson.

LISTA DE IMAGENS E MAPAS

Imagem 1	Casa com leões na entrada.....	11
Imagem 2	Shirley Jackson e seus filhos.....	12
Imagem 3	Painel semântico de ilustrações de Percy Jackson e os Olimpianos...	14
Imagem 4	Poster oficial da série.....	19
Imagem 5	Painel semântico com diferentes versões das capas dos livros e posters inspirados na série/livro.....	21
Imagem 6	Painel semântico com a fachada da Casa (1).....	22
Imagem 7	Painel semântico com a fachada da Casa (2).....	23
Imagem 8	Painel semântico de lugares lendários.....	26
Imagem 9	Esboços da Casa da Colina por Shirley Jackson.....	30
Imagem 10	Quarto azul da Casa da Colina.....	31
Imagem 11	Painel semântico do interior da Casa.....	37

SUMÁRIO

1. <i>“A Casa da Colina, desprovida de sanidade, se erguia solitária contra os montes”</i> : onde minha história começa e minhas geografias encontram pessoas, inclusive aquelas em forma de vocábulos.....	11
2. <i>“Cada um deles, então, recebeu uma carta do dr. Montague os convidando para passar todo ou parte do verão em uma confortável casa de campo”</i> : meu encontro com a casa.....	19
3. <i>“Em torno deles a casa meditava, se assentando e agitando com um movimento que mais parecia um arrepio”</i> : aqueles que me acompanham e amparam nessa trajetória	24
4. <i>“Mas foi isso o que eu vim de tão longe para achar”</i> : os primeiros encontros.....	30
5. <i>“Um dos traços peculiares à Casa da Colina é sua estrutura...”</i> : as experiências e reflexões que minha estadia na casa da colina propiciaram.....	35
6. <i>“[...] Eles não podem me obrigar a sair, não se a Casa da Colina pretende que eu fique”</i> : e agora? A finalização de uma etapa é, ao mesmo tempo, o início e a continuação de um processo.....	43
REFERÊNCIAS.....	46
REFERÊNCIAS E FONTES DAS IMAGENS.....	48
AGRADECIMENTOS.....	51

1. “A Casa da Colina, desprovida de sanidade, se erguia solitária contra os montes”¹: onde minha história começa e minhas geografias encontram pessoas, inclusive aquelas em forma de vocábulos

“O tempo está começando nessa manhã [...] mas trata-se de um tempo estranhamente novo e específico; nesses poucos segundos vivi uma vida inteira em uma casa com dois leões na entrada.”

(JACKSON, 2021, p. 18)

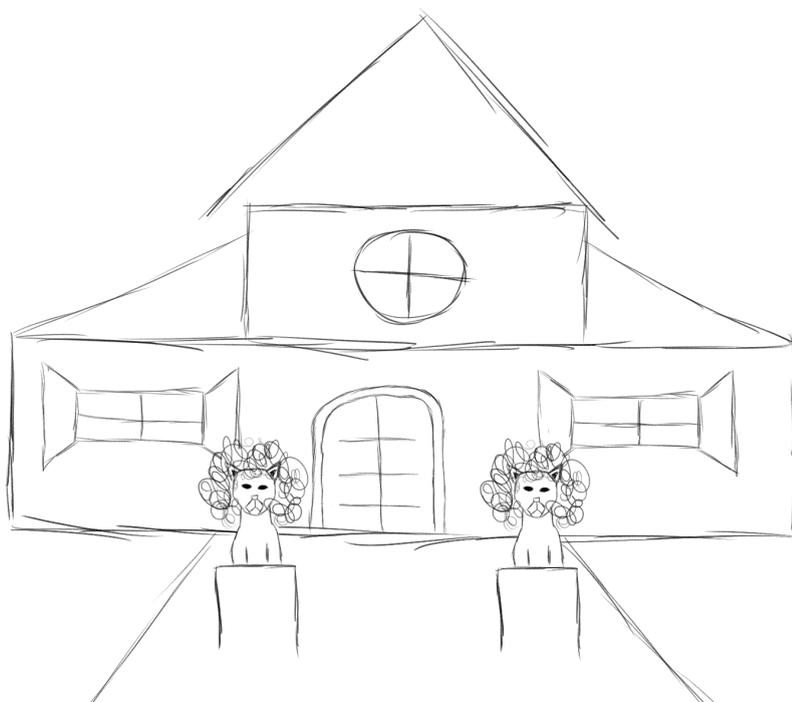


Imagem 1: casa com leões na entrada².

Tanto o título quanto a epígrafe que abre essa parte de minha monografia faz parte da obra “A assombração da Casa da Colina”, escrita por Shirley Jackson (1916-1965), autora estadunidense que se consagrou por suas produções estéticas de horror e mistério, literaturas essas que influenciaram grandes autores atuais

¹ Todos os capítulos serão iniciados com um trecho do livro “A assombração da Casa da Colina” (JACKSON, 2021). Para mais informações ver referências.

² Todas as imagens utilizadas no trabalho estarão listadas com suas respectivas fontes após as referências bibliográficas.

como Stephen King e Neil Gaiman. Dentre suas diversas obras, “The Lottery” de 1949 foi a primeira a receber maior destaque. “Sempre viveremos no castelo”, de 1962 acompanha “A assombração da Casa da Colina” de 1959 como uma de suas principais obras. Shirley evitava dar entrevistas falando sobre seus livros, acreditando que suas histórias falavam mais do que ela mesma poderia.



Imagem 2: Shirley Jackson e seus filhos.

E por que iniciar o trabalho dessa forma? Como toda vida se faz em encontros, onde vamos sendo salpicados por elementos do mundo social, onde também está o natural, sejam com pessoas, objetos, leões petrificados em frentes de casas, gentes que conhecemos impressas em papéis ou nas páginas do mundo virtual que, hoje, nos envolve, senti que essa escolha de origem era a mais adequada.

Assim, para responder tal questão e entender de que forma as primeiras ideias surgem, remonto a minha infância, compreendendo que, antes de tudo, se faz essencial contextualizar de onde eu vim e como me relacionei com esse lugar e outros lugares em que vivi (e ainda vivo), bem como quais influências agiram sobre mim e eu sobre elas. Dessa forma, apresento aqui uma pergunta de partida: como o(s) meu(s) lugar(es) me toca(m) ao interpretar e escrever sobre uma obra que desenvolve diferentes concepções sobre lugares?

Apesar de ter nascido e crescido em um bairro pobre na zona leste de Juiz de Fora, desde cedo minha família buscava reforçar a forma como não pertencíamos a esse lugar, no sentido de práticas e estilo de vida que as pessoas aqui sempre reproduziram de forma muito natural. Nesse sentido, era como se em grande parte da minha infância eu estivesse na posição de criar certa barreira com aqueles com quem me relacionava na escola e nas atividades em geral no bairro, me sentindo na obrigação de me enquadrar naquilo que a família esperava, o que interpreto atualmente como uma eu descontextualizada do meu primeiro lugar de pertencimento. Considero isso importante de ser relatado pois foi nesse contexto que a literatura aparece na minha vida, através do incentivo da família.

O que contei até aqui remete a uma época ao longo da infância, até mais ou menos os 10 anos de idade. Nesse período, minha prática de leitura era focada em revistas em quadrinhos, textos religiosos e poemas – que, sendo sincera com quem me lê, nunca entendi muito bem e nem gostava tanto assim. Eram leituras despretensiosas e que me faziam caminhar por palavras outras (BAKHTIN, 2003), conhecendo diferentes estilos e gêneros narrativos. Se, naquele bairro no qual vivia, gerava preocupações à meus familiares, pelas letras e palavras outras (BAKHTIN, 2003. VIGOTSKI, 2007, 2018), eu então caminhava por outros lugares pois, como aponta Lopes (2020), “as palavras são nossas primeiras formas de existir geograficamente no mundo” (p. 245) e com elas vamos continuando nossa tessitura, esse fiar que é vida na vida.

A partir do Ensino Fundamental II esse cenário muda um pouco: começo a ler livros de fantasia ³, com menos imagens, mais palavras e páginas, incentivada fortemente pelos professores que muitas vezes até mesmo compravam livros para me dar de presente. Com isso, além de ser uma atividade que me oferecia prazer, acabou se associando com a aprovação que eu recebia dos adultos ao meu redor. E assim seguiu ao longo dos anos, a literatura sempre presente em minha vida. Foi dessa forma que me encontrei com tantas paisagens, lugares, pessoas, seres e com eles pude ir dialogando, me formando entre esses mundos fantásticos. Mergulhei na leitura de muitas obras que marcaram não só minha infância mas também a minha

³ Forma de linguagem artística “[...] sobre ‘outro modo de ser’ [...], linguagem estética e que, por isso mesmo, expressa emoções, sensações e percepções sobre a realidade, que são tão verdadeiras quanto a linguagem lógico-matemática, embora não possua o mesmo valor objetivo [...]” (DA PAZ, 2016, p. 4).

vida, carrego as lembranças e vivências que construí e que foram em mim construídas nesses muitos lugares até hoje.

Nessa época na qual o gosto pela literatura crescia em mim, tive contato com muitos outros adolescentes e jovens que partilhavam desse mesmo gosto. Hoje, olhando para trás, consigo perceber quais foram as obras que mais marcaram essa geração: Harry Potter ⁴, Percy Jackson ⁵ e Jogos Vorazes ⁶. Dentre esses – dos quais só não li Harry Potter, que sempre achei superestimado – gostaria de trazer um pouco de Percy Jackson para ilustrar o que pretendo falar aqui, sobre como a literatura forma lembranças significativas e nos faz vivenciar lugares para além do espaço físico no qual nos encontramos e no qual, muitas vezes, principalmente na infância, somos condicionados a estar.

Poder me dividir entre um estar real e um imaginário naquela época da minha vida foi mágico, não exagero quando digo que ajudou a formar quem eu sou hoje e me proporcionou encontros que foram para além das páginas. Visitava e vivia em lugares que somente com meu corpo, minha forma física, jamais seriam acessíveis. Passei por conflitos e emoções que mesmo não tendo sido inteiramente meus foram um grande aprendizado para mim, podendo carregar essas experiências para outras esferas da vida.



Imagem 3: painel semântico ⁷ de ilustrações de Percy Jackson e os Olimpianos.

⁴ Coleção de sete livros de autoria de J. K. Rowling publicados entre 1997 e 2007.

⁵ Percy Jackson e os Olimpianos é uma coleção de cinco livros publicados entre 2007 e 2009 tendo Rick Riordan como autor.

⁶ Trilogia publicada entre 2008 e 2010 escrita por Suzanne Collins.

⁷ É uma composição de referências visuais utilizada como ferramenta para alinhar conceitos semânticos.

E no meio dessa unidade, dessa minha fronteira no mundo, a Geografia começa a me chamar atenção ainda durante o ensino fundamental, mas é somente no segundo ano do ensino médio que a mesma passa a ser vista como uma possibilidade de curso superior, o que acabou acontecendo. Afinal, havia uma geografia imaginária e materializada nas páginas literárias que me levavam a estar nesse lugar, talvez, me dedicar a conhecer esse campo de conhecimento seria uma oportunidade de trabalho interessante.

Entrei na faculdade com a ideia de investir bastante nos estudos: graduação e pós. Essa vontade não durou muito tempo. Não escondo o incômodo profundo que o ambiente acadêmico me traz e como, por isso, não conseguia me ver ali por mais tempo do que o necessário. Isso por muito tempo se tornou uma batalha dentro de mim: uma coisa que sempre quis em um lugar onde não conseguia estar. Novamente, a minha relação com o lugar que habitava e que me habitava, imersa em conflito. Cheguei até mesmo a pensar em desistir da faculdade muitas vezes. No final, decidi que pelo menos a graduação eu iria concluir.

Embora eu tentasse me envolver com o curso, não conseguia me encontrar. Alguns temas me chamavam mais atenção do que outros, como, por exemplo, a geografia urbana. Até mesmo participei de grupos de pesquisa que trabalhavam a temática mas, ainda assim, não conseguia me animar dentro dessa perspectiva de trabalho. Quanto a áreas da geografia física, apesar de sempre ter achado muito interessante, logo se tornou evidente a falta de afinidade e o não desejo em me dedicar a entender questões mais profundas dentro desse ramo.

Aí estava o problema: a faculdade me desanimava e eu não conseguia me encontrar em nenhuma área da Geografia, uma ciência tão rica e cheia de possibilidades mas que, justamente em sua constante luta para ser reconhecida como uma ciência, se faz a partir de muitos fragmentos e muitas vezes assentada em discursos racionalistas, técnicos, oriundos de um positivismo e que deixavam de fora o meu maior interesse: as fronteiras com as emoções, com os afetos e, claro, com a literatura. Não que isso fosse totalmente ausente, mas não era o foco central e de ocupação dos debates que desejava encontrar.

Não via sentido em me esforçar para produzir algo que soasse vazio para mim. Decidi que iria tentar escrever um TCC mesmo não sendo obrigatório como forma de mostrar para mim mesma que conseguiria. Só faltava o tema.

De início pensei em fazer algo simples, dentro de uma temática mais popular, já que meu objetivo era só conseguir fazer o TCC e não necessariamente gostar do que eu produziria, mas sempre caía no mesmo problema, não consigo me esforçar para fazer algo que não me toca de alguma maneira e que não consiga colocar um pouco de mim. A clássica máxima de Vigotski (2006), repousada nas obras de Espinosa (2009), emanavam em mim: não há intelecto sem afeto e sem emoção, diria o pesquisador bielorrusso, seja qual for o afeto, seja qual for o sentimento, a cognição não se aparta dessa unidade.

E essa é uma das coisas que mais me incomodam na academia, a forma como o produtivismo se apossou da Educação e de seus espaços, dando um tom compulsório aos trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores e aqueles que se comprometem com a produção científica. Essa lógica produtivista acaba por promover certo aumento quantitativo das pesquisas, mas que, da mesma forma, leva ao esvaziamento de muitos trabalhos, fazendo com que seja cada vez mais difícil para o autor se apresentar e se envolver com seu texto. Acredito que a emoção, o sentimento, a vida de quem produz alguma coisa tem que se mostrar em seu trabalho, marcando a expressão de seu mundo e de seu eu no mundo. Não sempre, obviamente, mas na geografia isso não só é possível como necessário. O que é o espaço geográfico sem o sujeito que nele habita? Nesse momento entendi que, para mim, era necessário colocar algo meu naquilo que tinha a intenção de fazer, não queria separar a Ana Júlia estudante de geografia da Ana Júlia de todas as outras esferas da vida, uma ajuntada de lugares era o meu desejo. Queria sim provar que conseguiria fazer um trabalho acadêmico do nível de um TCC, não só fazer um texto, mas também me colocar nesse trabalho, ser autor e herói (BAKHTIN, 2003), mesmo reconhecendo que depois, eles se colocariam em em deriva (BAKHTIN, 1995; VOLÓCHINOV, 2017), exotopias e excedentes de visões que nos colocariam em entremeios.

Não sei dizer como ou quando tive a ideia. Acho que após várias semanas pensando como utilizar algo que gosto, alinhando-a com o que acredito e a trazendo

para o contexto acadêmico, assim o tema surgiu, iria escrever sobre algo que sempre esteve presente em minha vida, a literatura, e com ela me aproximar da Geografia. Precisava assumir essa minha forma de olhar para a ciência a qual estava me dedicando e contribuir para suas mudanças e transformações.

Para isso, precisava escolher alguma obra. Muitas passaram pela minha cabeça, utilizando como principal critério de escolha a que eu mais gostasse para depois pensar em formas de trabalhá-la. Não via sentido em escolher um livro que tivesse um ótimo material para promover discussões mas que não me tocasse, onde eu não pudesse dialogar com as emoções e experiências pelas quais passei durante minha caminhada pelos lugares apresentados nas páginas que lia e com os personagens que encontrei. Precisava me relacionar com esses lugares e personagens, sentir suas histórias e conflitos, me emocionar com eles, a vida se (re)criando ao encontrar e permitir ser afetada reciprocamente com a vida do outro. Assim, “A assombração da Casa da Colina” de Shirley Jackson (2021), me convidou a revisité-la, não por ser minha preferida, mas sim pela relação que estabeleci com a Casa da Colina e com os personagens que lá encontrei.

A cada dia que passa tenho mais ideias sobre o que gostaria que estivesse presente nesse trabalho, tanto em conteúdo quanto em estrutura. Minha escrita aqui está sendo – e seguirá assim – marcada por diferentes tempos, cada um carregando diferentes pensamentos que não posso garantir que me acompanharão até o final. É possível ainda que no final algo totalmente novo me ocorra e eu coloque aqui. Obviamente o trabalho terá sua delimitação, mas o que não posso e não tenho como desejo fazer é me limitar dentro de minha própria pesquisa. O que pretendo apresentar nessas páginas não será o resultado de sua finalização, mas sim de todo o processo de pesquisa e escrita, pois são justamente os momentos ao longo do artífice que formam e enriquecem meu trabalho. Apresentá-los aqui à medida que chegam mas também a que saem é algo essencial dentro do que pretendo construir tanto nesse trabalho como em diversas outras esferas da vida. Talvez o fato de estar utilizando o TCC como um desafio pessoal dificulte um pouco a caminhada, mas sei que, por diversos motivos, vai valer a pena no final. Mas, também assumo, como apontam os movimentos que viriam gerar nos anos 70, novas tradições em fazer pesquisa na área das Ciências Humanas, pesquisar não é apartar a vida pessoal da

vida acadêmica, profissional, é reconhecer as fronteiras que se borram (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

Assim, o presente trabalho tem a intenção de, utilizando como base a obra “A assombração da Casa da Colina” de Shirley Jackson, estabelecer diálogos entre Geografia e Literatura, compreendendo como conceitos tão caros à ciência geográfica como espaço e lugar se constituem como pontos cruciais para a criação e desenvolvimento de obras literárias, destacando ainda as relações de unidade entre sujeito e meio e como, a partir disso, um mundo de possibilidades se abre tanto ao se pensar a vida real quanto ao levar em conta a concepção de mundos imaginários. A intenção é dialogar ciência e arte por meio da Geografia e Literatura, construindo o trabalho de forma que o livro de Shirley Jackson se faça presente para além de uma base de desenvolvimento teórico-argumentativo, mas que também o oriente ao longo de toda sua produção e desenvolvimento.

E o farei, em meu excedente de visão (BAKHTIN, 2003), serei uma leitora/autora que olha as páginas de fora, mas ao mesmo tempo, reconhecendo a impossibilidade de estar fora, essa condição trazida por Ítalo Calvino, (1990), ao escrever sua biografia e afirmar, que é o escudo de Perseu que refrata o mundo e, nele, a imagem da górgona. Esse olhar refratado que o impede de se petrificar como os leões em frente a casa, mas que nos faz enfrentar a vida e como seus estilhaços chegam em nós.

Nessa escrita, seguirei com meu plano estético (BAKHTIN, 2003), onde as transcrições no corpo do texto serão, com algumas exceções, pertencentes ao livro A assombração da Casa da Colina (2021), outras citações que achar convenientes para a compreensão do leitor nesse trabalho serão feitas em notas de rodapé no intuito de não interromper o fluxo da narrativa. Assim, as notas de rodapé possuem o mesmo valor dos demais componentes do texto.

Estarei nas muitas camadas de espaços e tempos, vivenciando pessoas, lugares, acontecimentos que me chegam em formas de vocábulos e, com eles, vou me inscrevendo como gente-palavra.

2. **“Cada um deles, então, recebeu uma carta do dr. Montague os convidando para passar todo ou parte do verão em uma confortável casa de campo”**: meu encontro com a Casa

“Sou um andarilho. Tenho a síndrome da outra margem do rio”

(PERRIN, 2022)

Meu primeiro contato com a história narrada no livro se deu em outro formato, onde as palavras em um papel e a imaginação deram lugar a todos os elementos presentes em uma produção audiovisual. Foi a partir da série *The haunting of Hill House*⁸ que conheci e me apaixonei pelos personagens e pela história.



Imagem 4: poster oficial da série.

Alguns meses depois de ter assistido todos os episódios, quando a saudade bateu e queria mais coisas desse mundo para mergulhar, descobri a existência do livro que serviu de base para a série. Depois disso, não quis saber de mais nada. Logo dei um jeito de ter o livro em minhas mãos para poder entrar na história mais

⁸ Série americana lançada em outubro de 2018 pela Netflix. Criada e dirigida por Mike Flanagan baseada no livro de mesmo nome da escritora Shirley Jackson.

uma vez, (re)encontrar os personagens e (re)conhecer a casa, dessa vez de outra forma.

Não esperava que seria tudo tão diferente, parecia outra história, com personagens que na série considerei centrais nem aparecendo ao longo do livro, ao passo que outros que nem dei atenção tiveram um papel crucial. Normalmente se espera que o livro tenha uma riqueza de detalhes muito maior, e teve, mas em uma direção completamente diferente da qual eu esperava. Embora as histórias sejam bem diferentes, a comparação ainda existe, e, dentro disso, um ponto em que posso destacar a maior semelhança foi em como nas duas obras o suspense ditou o ritmo a todo instante, sem que o leitor ou espectador conseguissem em momento algum prever o que estava por vir ou o que estava por trás de todos aqueles acontecimentos.

Outro ponto de ligação evidente entre a série e o livro é a própria Casa, mas longe do motivo óbvio de ser o lugar onde a história se passa. A Casa como um lugar-personagem (falarei sobre isso mais para frente) se apresenta de formas que possuem diversas diferenças no livro e na série. Na série a percebemos mais como o palco dos acontecimentos, lugar onde fantasmas do passado se apegaram e assim construíram uma experiência sensorial e espiritual única que se manifesta naquele lugar de forma a afetar aqueles que ali habitam a medida em que mais se relacionavam com o lugar. Já no livro podemos perceber quase que uma personificação da Casa, dotada de sentimentos, intenções e acima de tudo de consciência. Essa questão se prolonga ao longo da narrativa, principalmente por nunca nos ser revelado o que faz esse movimento acontecer, o que está por trás disso. Até onde nos é mostrado tudo é pura e simplesmente ação da Casa em si.



Imagem 5: painel semântico com diferentes versões das capas dos livros e posters inspirados na série/livro.

Os aspectos da série terão pouca importância aqui, ela serviu como a ponte que me levou até o livro, o que, apesar de ter sido fundamental, não dita inteiramente o ritmo e compreensão da minha leitura. Apesar de no começo estar em constante expectativa para me encontrar com a história dentro daquilo que já conhecia e esperava, logo todo esse sentimento deu espaço a vontade de me encontrar com algo novo e perceber, através de diferentes aproximações, aquilo que de certa forma já conhecia. A sensação é de que com a série eu já havia ouvido falar da Casa, mas que somente a partir do meu encontro com o livro que realmente fui conhecê-la.

Assim, tal qual está descrito no título deste capítulo, sinto que também fui surpreendida por uma carta do dr. Montague me convidando para passar um tempo em uma casa de campo mas, diferente do restante dos personagens que foram para lá durante o verão, eu estive lá junto com eles no inverno. Após receber a carta e ponderar se queria embarcar nessa viagem ou não, decidi ao menos ir conhecer, depois escolheria entre ficar ou voltar para a casa – mais tarde fiquei sabendo que Eleanor pensou da mesma forma. Para não deixar quem lê minhas palavras com curiosidade e inquietação, começarei minha narrativa por Eleanor, personagem fundamental que esteve comigo a todo momento.

A primeira pessoa que conheci nessa caminhada foi Eleanor, uma mulher simples, tímida e retraída. Depois de tantos anos totalmente dedicados a cuidar de sua mãe doente, parece que após a morte da mesma, Eleanor não sabia mais viver fora da rotina que fora obrigada a se acostumar por tanto tempo, tinha medo do novo, de experimentar e de se impor nos acontecimentos de sua própria vida. Gostei dela logo de cara e, da mesma forma, também achei que ela “não batia muito bem”⁹ e, por isso, gostei dela mais ainda. É bom se conectar com pessoas que entendem como é viver condicionado ao que a vida te ensina a ter em mente, acompanhar essa pessoa enquanto ela tenta superar seus medos, limitações e se libertar da vida que acabou por se moldar como uma prisão devido a determinadas circunstâncias pelas quais todos nós diariamente passamos. Acabamos indo juntas para a Casa da Colina, eu observando o trajeto, acompanhando os pensamentos e sentimentos de Eleanor enquanto ela, por sua vez, estava totalmente alheia à minha presença.

Ao nos depararmos com a Casa pela primeira vez, lembro-me da cara de espanto de Eleanor e seu pensamento compartilhado comigo “[...] a Casa da Colina é repugnante, é doente; vai embora correndo daqui” (JACKSON, 2021, p. 29). A Casa era hostil. Sua fachada quis nos expulsar, alertar para o que nos aguardava lá dentro. Ao mesmo tempo nos atraía pela curiosidade, a vontade de saber mais, ver o que era isso que apenas a fachada já deixou claro que nos esperava.



Imagem 6: painel semântico com a fachada da Casa (1).

⁹ Essa é uma expressão corriqueira na vida cotidiana que se refere a alguém doido, louco ou perturbado.



Imagem 7: painel semântico com a fachada da Casa (2).

Entrar naquela casa, acompanhada de quem estava ao meu lado, me trouxe algo que parecia uma sensação de arrepio, isso me remeteu a uma outra lembrança, uma das passagens ditas por Vigotski (2018) ao explicar como a imaginação e criação humana não está descolada das emoções. Em um dado momento ele argumenta como que um vestido visto por uma criança em um quarto pode gerar um sentimento de medo que cria uma atitude imaginativa, assim como o contrário também o faz. Imaginação, emoção e afeto não se separam no viver. Basta olhar para a fachada da casa, dali emergem essas fronteiras da vivência humana.

Era assim que eu me sentia nesse momento, já criando cenários em minha cabeça sobre o que eu estava prestes a viver dentro e ao redor daquela Casa, o que eu experienciaria e com quem me encontraria. Enquanto vou em direção a Casa, ansiosa para explorar seu interior, percebo a necessidade de uma pequena pausa pois, por estar habitando outra camada nesse espaço e tempo, preciso dizer de outras pessoas que também estavam comigo.

3. “Em torno deles a casa meditava, se assentando e agitando com um movimento que mais parecia um arrepio”: aqueles que me acompanham e amparam nessa trajetória

*“Where nature unmakes the boundary
the pillar of myth still stands”¹⁰*

(HOZIER, Swan Upon Leda, 2022)

Ali estava eu, com Eleanor, mas ao mesmo tempo me deslocando para outros espaços e tempos. Foram minhas vivências que me trouxeram até essa Casa e a esse ponto de construir e pensar em possibilidades para desenvolver e trabalhar com tal temática que, por sua vez, faz com que eu me depare com o momento onde estrutura todas essas ideias a fim de cumprir com os requisitos do trabalho. É assim que passo por um processo similar ao da Casa da Colina conforme descrito no título desse capítulo: medito, assento, me agito e me movo, indo e voltando entre os planos que habito, me movimentando por diferentes camadas, que passam a sensação de estratos geológicos e arqueológicos, possibilitando diversos encontros, entre pessoas, lugares e tempos. Coletando fragmentos e escovando as poeiras dos tempos e dos espaços com pincéis, recordo-me de Manoel de Barros:

“Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam ali sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entressanhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora.” (BARROS, 2003, p. 5).

Com esse escovar em meu canto de escrita, um ponto bem mais recente em minha caminhada destaca sua importância para a construção desse trabalho.

¹⁰ “Onde a natureza desfaz a fronteira o pilar do mito ainda está de pé”

Durante meus primeiros contatos com a ideia que, aos poucos, tomava forma na minha cabeça, logo fui em busca de algum professor com o qual me sentisse mais confortável, buscando auxílio para saber o que fazer a partir de então. Destaco esse critério de escolha, um professor com quem me sinto confortável ao invés de um que estivesse mais familiarizado com o tema, por compreender e centralizar a dimensão social dentro do processo educativo e, assim, alinhar esse pensamento com aquilo que pretendo seguir em minha prática de pesquisa. É dessa forma que duas linhas teóricas, trabalhadas pela primeira professora que procurei e por meu orientador, apesar de se diferenciarem em tantos aspectos, convergem em mim e me movimentam no início dessa pesquisa: a Teoria Histórico-Cultural e a Psicanálise.

O contato constante entre essas duas teorias, buscando sempre destacar pontos em comum que se mostravam de forma explícita ou não, é o que dá início ao desenvolvimento da base teórica deste trabalho. A questão principal que me atenta para isso é como os conceitos de vivência e experiência aparecem e são trabalhados por Freud e por Vigotski, bem como o papel fundamental da palavra, da língua e da linguagem dentro do processo de desenvolvimento e assimilação de ideias e conceitos, trabalhados com a ajuda de Bakhtin. Dessa forma, é possível perceber como esses pontos se tocam, buscando em diferentes caminhos, por diferentes *movimentos*, compreender e explicar as mais diversas e coexistentes formas de ser e estar no mundo e neles, a inquietação de compreender o comportamento humano, o processo de humanização.

A angústia e o desejo de compreender o humano e suas condutas, atitudes, entre outras ações e atividades de nossa espécie, está presente em muitas cosmologias, quer sejam ocidentais ou de outras regiões do planeta, algumas mais validadas que outras, pelas geopolíticas que também envolvem os saberes. Dentro disso, trago aqui Umberto Eco (2013) para destacar a forma como, independente da região do planeta onde se vive e todo o sistema cultural e de crenças que permeia esses lugares, podemos observar que é algo próprio do ser humano trazer e deixar com que o místico e o sobrenatural acompanhe suas histórias e geografias, mostrando a forma como o imaginário também se trata de uma construção coletiva que, justamente por o ser, permite que se tenha a presença de um impacto real, para além da dimensão do imaginário e lendário, nos levando ao encontro de

Bakhtin (2003), ao evidenciar o papel fundamental da atividade social em nós e na forma como nos relacionamos com o mundo, com nós mesmos e uns com os outros.

Ainda em diálogo com Umberto Eco (2013), podemos pensar a relação entre o dito o lendário e o dito real, como ambos estão sempre em uma construção conjunta interdependente, pensando para além do processo criativo que impulsiona e movimenta o imaginário humano a partir de um fluxo de crenças e nossa predisposição à lendas e mitos ao buscar compreender o mundo em que vivemos.

Aqui, retomo a epígrafe deste capítulo ao considerar como nossa visão do chamado real está embebida em um olhar que se dá – de forma histórica enquanto espécie – com base na cultura e na tradição, principalmente quando nos deparamos com o novo, algo que não conseguimos explicar. Essa relação faz com que seja possível que os lugares do mundo concreto ganhem “vida própria em nosso imaginário e desfrutem das mesmas propriedades das terras inexistentes” (ECO, 2013, p. 66-67) e assim, da mesma forma, é possível pensar que os lugares que imaginamos também possuem seu espaço na realidade do mundo concreto a partir de nós.



Imagem 8: painel semântico de lugares lendários.

É com esse movimento em busca de sujeitos e instrumentos que me ajudem a abordar, compreender e contribuir com esse tema que me encontro com autores como Lev Vigotski, Mikhail Bakhtin, Sigmund Freud, Milton Santos, Umberto Eco e

outros, que, partindo de diferentes perspectivas, abordagens, métodos e em direção a diferentes conclusões, dou continuidade ao meu próprio movimento buscando evidenciar a relação Geografia-Literatura a partir da leitura de diferentes obras e autores, trazendo a dimensão poética de seus trabalhos e narrativas de forma a estabelecer diálogos entre si e com *A assombração da Casa da Colina* (2021) de Shirley Jackson, obra principal que guia meu trabalho.

Apesar dessa pesquisa ser resultado de um processo composto pela sucessão de momentos e aprendizados ao longo da minha caminhada, sinto que de fato entrei nessa nova parte quando não só assumi mas também aceitei minha vontade de construir esse trabalho e, assim, me comprometi a sua realização. Ter chegado até esse momento com um tema e uma ideia já formulada a respeito do que pretendia seguir me trouxe uma relativa confiança de que este caminho seria possível, o que não me preparou de fato para aquilo que iria encontrar e, principalmente, me desencontrar.

Mesmo após cinco anos na graduação, admito que ainda me sinto muito despreparada para me adequar às normas mais simples de um trabalho acadêmico, por isso digo: comecei esse trabalho sem saber o que era esperado e, muito menos, como alcançar esse objetivo. Isso me leva a uma confusão que, apesar do enorme desconforto, sinto que me impulsionava mais ainda rumo a novas possibilidades. Foi essa confusão e desconforto que me fizeram sentir a necessidade de estar em constante movimento e em contato com autores, obras e textos, buscando a sensação de estar de fato preparada — sensação essa que ainda não achei e que, com o tempo, abracei a falta dela como mais um fator de movimento dentro do trabalho. Por muito tempo isso me travou justamente por não querer deixar essa confusão transparecer, mas agora consigo aceitar esse sentimento como um ponto extremamente rico dentro dessa produção, algo que me possibilitou tantos momentos que me impulsionaram em diferentes rumos e que agora se convergem para abrir caminho dentro da pesquisa.

Algo esperado dentro do processo de pesquisa era a forma como o tema sofreria diversas alterações, sendo elas sutis ou nem tanto. O fato de eu já esperar isso de forma alguma me preparou para a intensidade desses momentos e o que eles significariam. Me sinto constantemente tomada por um sentimento de não saber

mais o que estou fazendo, como se tivesse me desencontrado do tema ao mesmo tempo que me encontrei com outras diversas possibilidades de abordá-lo.

A base da ideia sempre permaneceu a mesma, diálogos entre geografia e literatura tendo o livro *A assombração da Casa da Colina* (2021) como ponto sulador, mas, com os movimentos de pesquisa e contato com referências bibliográficas, abriu-se um mundo de novas formas de abordar o tema, pontos e relações que jamais tinha pensado sendo apresentadas diante dos meus olhos e me animando cada vez mais, mas também contribuindo para a sensação de confusão. Delimitar um trabalho desse nível e decidir quais caminhos aqui aprofundar trata-se do primeiro grande desafio dentro da jornada de construção da pesquisa; escolher quais ausências e presenças serão marcadas e sentidas.

A verdade é que mesmo agora enquanto escrevo essa parte ainda não tomei uma decisão a respeito dessa questão e, embora isso possa ser encarado como um problema, preferi englobá-la como parte essencial de meu processo de escrita e assim, deixar com que o trabalho flua de forma livre para então se condensar nestas páginas.

Muito mais do que chegar a qualquer conclusão ou resultado, pretendo demonstrar a forma como, além de falar do tema escolhido, também é possível e necessário tratar do próprio processo de construção e escrita da pesquisa como um movimento que faz com que a mesma se crie e recrie dentro de si mesma e para além dela.

Assim, dialogo com Bakhtin (2003; 2006) e Volóchinov (2017) dentro de sua construção do conceito de excedentes de visão, entendendo as minha história e minhas geografias que me trouxeram até aqui e me formaram a partir de minhas vivências, possibilitando que a construção desse trabalho se dê justamente no encontro do pensamento de diversos autores em mim a partir desse processo relacional de identificação e retorno à nós mesmos, trazendo outras possibilidades de aproximações com a temática.

Há também o ponto onde encaro o meu texto em seu potencial formador de excedentes de visão, uma vez que, após finalizado, da mesma forma que o herói para Bakhtin (2003) se torna independente de seu autor-criador, esse trabalho

seguirá por outros caminhos e terá encontros em que talvez minha participação seja, no máximo, o nome que aqui assino. Afinal, foi assim que encontrei todas essas pessoas que agora estão comigo nessas páginas.

Mais do que me colocar como autora é preciso narrar como eu enquanto pesquisador-sujeito me encontro e desencontro com todas as esferas que tocam e são tocadas pelo momento de produção científica tal qual estou vivenciando.

Dessa forma, a metodologia utilizada se ampara tanto em relatos do meu encontro com o livro, que serve de base e é o campo desta pesquisa, quanto em todo o processo de produção da mesma e elaboração de notas a partir da observação e interpretação da obra. Optar por tal aproximação com o campo de estudo se deu devido a forma como, dentro do dos estudos culturais e geo-literários, tal metodologia faz mais sentido, podendo trabalhar com a arte e a ciência – entendendo a arte como parte indispensável daquilo que forma o ser humano – ao mesmo tempo em que se dá preferência para a esfera do sensível e do subjetivo como importantes fontes para compreender a realidade, sem perder a dimensão da vida em suas partes e em sua totalidade.

Trata-se também de um esforço rumo a superação dos moldes positivistas de fazer ciência que se mostram insuficientes ou até mesmo ineficazes no estudo de diversos ramos, evidenciando como a importação de métodos das ciências exatas para dentro das ciências humanas geram um prejuízo que necessita ser revisto, retrabalhado e superado. E assim, escolhi essa caminhada: fazer a escrita da vida na vida e nela, o desejo que a Geografia se torne encarnadamente humana em seus estudos.

4. “Mas foi isso o que eu vim de tão longe para achar”: os primeiros encontros

“Fantasy can only survive with an underlying reality”¹¹

(RAIDEN EI, 2021)

Me vejo novamente de pé em frente a Casa da Colina ao escutar a voz de Eleanor dizendo “É a Eleanor Vance. Estão me esperando” (JACKSON, 2021, p. 31). Ela estava de frente para a sra. Dudley, esposa do sr. Dudley, que se dividem no trabalho de tomar conta da Casa. Sem dizer uma palavra ela abre passagem para que Eleanor entre na Casa e então a conduz direto para o quarto designado: o quarto azul.

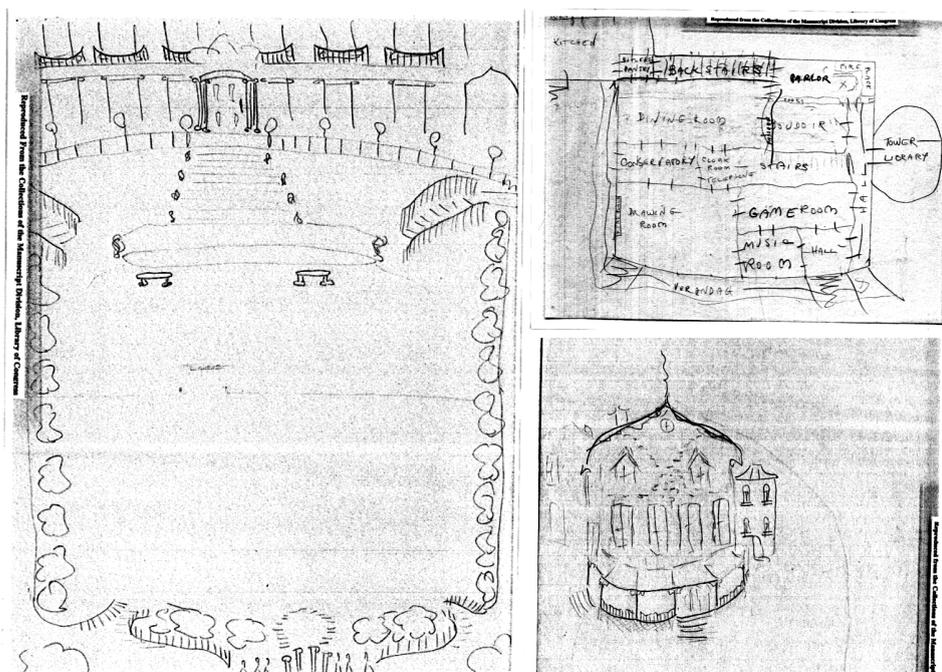


Imagem 9: esboços da Casa da Colina por Shirley Jackson.

Finalmente então a sra. Dudley fala alguma coisa, explicando o que ficou combinado que ela faria pelos visitantes durante esse período de verão em que passariam lá. Foi firme ao dizer que não ficaria lá na parte da noite:

“Não fico depois de pôr o jantar”, a sra. Dudley prosseguiu. “Não depois que começa a escurecer. Vou embora antes de a escuridão chegar.”

“Eu sei”, disse Eleanor.

“Nós moramos na cidade, a dez quilômetros daqui.”

“Sim”, disse Eleanor, se recordando de Hillsdale.

“Então não vai haver ninguém aqui caso a senhora precise de ajuda.”

¹¹ “A fantasia só pode sobreviver com uma realidade subjacente”.

“Entendo”

“A gente sequer consegue escutá-la durante a noite.”

“Eu imagino...”

“Ninguém escutaria. Ninguém mora mais perto do que na cidade. Ninguém chega mais perto que isso.”

“Eu sei”, Eleanor disse, cansada.

“À noite”, disse a sra. Dudley, e deu um sorriso sincero, “Na escuridão”, continuou, e fechou a porta ao sair. (JACKSON, 2021, p. 33-34).

Eleanor já tinha pensado que as pessoas nesse lugar eram estranhas – o sr. e a sra. Dudley, que pareciam tentar impedir que ela se aproximasse e ficasse na Casa, quase tão hostis quanto sua fachada; os moradores do vilarejo onde ela parou para tomar café (mesmo após o dr. Montague ter falado na carta que isso não era aconselhável) que, apesar de serem os mais próximos da Casa, insistiam em negar sua existência, além de apresentar um comportamento nada acolhedor – mas foram as últimas palavras da sra. Dudley, toda sua expressão corporal e facial enquanto as falava que a fez estremecer.



Imagem 10: quarto azul da Casa da Colina.

Após a sra. Dudley ter se retirado – de forma um tanto quanto dramática, diga-se de passagem – Eleanor ficou um bom tempo imóvel, refletindo sobre todo o trajeto que a levou até o quarto azul da Casa da Colina.

É horrível, pensou, sem vontade de se mexer, já que o movimento poderia implicar aceitação, o gesto de se mudar, é horrível e não quero ficar; mas não havia para onde ir; a carta do dr. Montague a trouxera até ali e não poderia levá-la mais longe. (JACKSON, 2021, p. 34).

Foi com esse pensamento que Eleanor tomou coragem e começou a desfazer as malas e a arrumar suas coisas no quarto, enquanto a Casa da Colina ocupava sua mente da mesma forma que ela ocupava a Casa. Ela tinha a sensação de estar sendo o tempo todo observada, a Casa a sentia, tinha consciência de sua presença, “sou como uma criatura pequenina engolida inteira por um monstro, pensou, e o monstro sente os mínimos movimentos dentro de mim.” Foi até a janela e abriu as cortinas com o sentimento de que deixar a luz entrar afastaria todo o sentimento de medo e incômodo que impregnava a Casa. Foi quando ouviu o barulho de uma porta de carro e percebeu que mais gente havia chegado e, inundada por alívio ao perceber que não ficaria totalmente sozinha naquele lugar, foi correndo até a varanda receber quem agora passava pela experiência de se deparar com a Casa da Colina pela primeira vez.

Assim, encontramos com Theodora – e só Theodora, não usava nem assinava nenhum outro nome além de seu apelido, Theo –, uma pessoa divertida, sarcástica e espontânea, que não guardava seus pensamentos e desejos para si. Era extremamente intuitiva com tudo ao seu redor, sendo esse um dos motivos pelo qual o dr. Montague a convidou. Ela foi alojada no quarto verde, ao lado do de Eleanor, tendo entre eles um banheiro em comum.

A sra. Dudley, novamente, explicou o que tinha combinado de fazer para Theodora, que não a escutava completamente. Estava entretida conversando com Eleanor a respeito da Casa, suas primeiras sensações e percepções, tão espantada quanto Eleanor ficou, apesar de mais descontraída.

Percebi o quanto Eleanor estava mais animada com a chegada de Theodora, não só por não estar mais sozinha na Casa – já que o sr. e sra. Dudley não eram companhias lá tão agradáveis –, mas pela forma como tudo se deu de forma tão natural. Eleanor com sua natureza tímida não esperava que se daria bem com alguém assim tão rápido, ainda mais em um lugar como a Casa da Colina, ela mesma estava espantada com seu comportamento nessa situação.

Enquanto conversavam, decidiram trocar de roupa e ir explorar os arredores da Casa até a chegada do dr. Montague e do outro convidado. Eleanor ainda estava tensa mas Theodora a incentivava, haviam em tão pouco tempo criado certo companheirismo. Saíram como crianças, correndo pelo gramado, contentes por estarem fora da Casa da Colina. Seguiram por uma pequena trilha, levadas pelo som e cheiro da água até se depararem com um córrego.

“A trilha as levou a uma proximidade irresistível com o som da água, que jorrava de um lado para o outro em meio às árvores, dando-lhes vislumbres ocasionais da estrada ao sopé da colina, fazendo-as dar a volta na casa, longe do alcance da visão alheia, do outro lado de um prado rochoso, sempre montanha abaixo. À medida que se afastavam da casa e das árvores em direção a pontos em que a luz do sol ainda podia encontrá-las, Eleanor se tranquilizava, embora percebe-se que o sol se aproximava de um jeito perturbador das colinas amontoadas.” (JACKSON, 2021, p. 43).

Ficaram por lá conversando, se conhecendo e fantasiando sobre a vida e os elementos que as rodeavam, a imaginação conjunta traçava caminhos longos e grandiosos, com a criatividade pontuando cada momento do diálogo. Era um belo lugar para fazer um piquenique, concluíram, planejando aproveitar esse canto de beleza e tranquilidade que destoava do resto da Casa da Colina.

O sol já estava se pondo atrás das colinas e projetando longas sombras pelo gramado quando Eleanor e Theodora retornaram. Lá avistaram Luke e prontamente se aproximaram para fazer as apresentações. Explicaram que estavam explorando e por isso não puderam recebê-lo, relatando um pouco do que encontraram nessa breve caminhada nos arredores. Luke avisou que o dr. Montague os esperava no interior da Casa e, como se fosse uma deixa, a grande porta da frente se abriu, revelando o doutor que as deu boas vindas e convidou para entrar, onde poderiam ter suas primeiras conversas a respeito desse convite tão inesperado para passar o verão na Casa da Colina.

Luke fora enviado pela tia, com quem o dr. Montague havia conversado a respeito da temporada que desejava passar na Casa da Colina. Estava lá para representar a família como o futuro herdeiro. Apesar de ter tido todas as oportunidades enquanto crescia e sua origem de família que possuía muitos bens,

Luke não perdia a oportunidade de vender tudo o que ganhava e achava de valor. A tia não ficaria chocada se descobrisse que Luke havia fugido com a prataria da Casa e o relógio do dr. Montague. De toda forma, não perdeu a oportunidade de se ver livre do sobrinho durante algumas semanas e insistiu que ele deveria estar presente como condição para que a Casa fosse alugada.

Quanto ao dr. Montague gostaria de, antes mesmo de apresentá-lo, destacar sua importância que, para além de ser o personagem responsável por todo o movimento inicial que leva aos encontros na Casa da Colina, também é simbólica para esse trabalho, fato que só fui me atentar e perceber na reta final. Optei então por apresentá-lo tal qual foi feito no livro:

O dr. John Montague era doutor em filosofia; havia se formado em antropologia, com a estranha sensação de que talvez se aproximasse mais de sua verdadeira vocação, a análise de manifestações sobrenaturais. Era cuidadoso quanto ao uso de seu título porque, com suas pesquisas sendo tão completamente não científicas, esperava emprestar-lhes um ar de respeitabilidade, até mesmo de autoridade acadêmica, com sua formação.” (JACKSON, 2021, p. 7).

Podemos perceber a partir disso a forma como o dr. Montague buscava a validação acadêmica de seus trabalhos, tendo o método e a ciência como guias mesmo ao trabalhar com algo tão pertencente à esfera do sensível. Fatos que ele viu e vivenciou sendo julgados como “inválidos” pela incapacidade da ciência positivista em provar e explicar o acontecido, algo que dialoga diretamente com pontos já levantados neste trabalho a respeito da necessidade de superação dos moldes positivistas de ver e fazer ciência. É interessante perceber como isso é abordado em um livro que foi publicado pela primeira vez na década de 50 e que, ainda nos dias de hoje, nos encontramos diante do mesmo desafio.

5. “Um dos traços peculiares à Casa da Colina é sua estrutura...”: as experiências e reflexões que minha estadia na Casa da Colina propiciaram

“As pessoas”, o doutor disse com tristeza, “estão sempre ávidas por dar nome às coisas, mesmo que o nome seja sem sentido, contanto que tenha uma sonoridade científica.”

(JACKSON, 2021, p. 58)

Agora que já estamos familiarizados com os lugares e as pessoas que nos acompanharão nessa caminhada, chegou o momento de mergulharmos nas possibilidades reflexivas que esse ambiente nos coloca. Deixo claro que, apesar da obra de Shirley Jackson e todos os elementos nela contidos me guiarem nesse trabalho, ele, de forma alguma, se resume a sua história. Não farei aqui uma resenha ou análise do livro, longe disso. O que pretendo é mostrar como os encontros que tive através de *A assombração da Casa da Colina* (2021) e como a atmosfera do lugar – a Casa – me possibilitaram momentos tão ricos de reflexão dentro de minha trajetória com a Geografia, que agora gostaria de dividir com vocês, que, de alguma forma, encontram a mim e o relato de minha experiência nesse trabalho.

Logo, o que faço aqui é uma construção de pensamento em diálogo com o livro. Não pretendo contar mais detalhes da história ou seu desenrolar, não é o meu lugar nesse trabalho “tirar” a oportunidade dos que ainda não leram de explorar todas essas reviravoltas pela primeira vez. Quero incentivá-los a ir de encontro a esse livro e assim tirarem suas próprias conclusões a respeito da história, aproveitando a estadia e todo o movimento que a Casa da Colina gera em nós.

Destaco como me sinto livre na leitura para deixar com que minha imaginação flua sem se prender totalmente à descrição apresentada. Gosto que o lugar se forme diante de meus olhos mais por meio de meus sentimentos e percepções ao ler o livro do que no que o autor coloca e, partindo dessa forma de trabalho que estou propondo, vejo essa aproximação não só possível como também um caminho muito interessante a ser tomado. Obviamente não é o único, visto que em muitos

momentos e em determinados contextos, interpretar a obra por um viés mais delimitado pelo que está escrito pode ser o mais proveitoso.

Retomando ao título, da mesma forma que a estrutura se mostra como uma das características mais interessantes da Casa, a intenção é que, a partir daqui, possamos nos aprofundar nas discussões e assim erguer pontos que formam e estruturam este trabalho, dando a ele suas características. É chegado o momento em que a Casa da Colina reforça seu protagonismo nesse trabalho de forma mais pontual, onde abordaremos as relações estabelecidas nela e com ela.

A Casa da Colina, diferentemente da maioria das outras casas (pelo menos dentre as que conheci), tem sua personalidade marcada e marcante, fato que percebemos ao observar e notar suas manias, as formas como ela se expressa e, de certa forma, se comunica com seus residentes. Alguns exemplos são seus pontos inexplicavelmente mais frios que os outros, sem que haja qualquer motivo aparente para isso.

“Agora”, anunciou, “vamos ver a torre a partir de uma janela”, e estremeceu ao passar pela porta. Então se virou e olhou para trás com curiosidade. “Será possível que uma corrente de ar atravessasse essa porta?”

“Uma corrente de ar? Na Casa da Colina?”, Theodora riu. “Não, a não ser que você consiga fazer com que uma dessas portas permaneça aberta.”

“Entre um de cada vez, então”, o doutor pediu, e Theodora foi em frente, fazendo careta ao passar pela porta.

“É como a porta de uma tumba”, comentou. “Mas está bem quentinho aqui dentro.”

Luke se aproximou, hesitou no ponto gelado e andou rápido para sair dele, e Eleanor, vindo em seguida, sentiu com incredulidade o frio intenso que a atingiu entre um passo e outro; era como cruzar uma parede de gelo, pensou, e perguntou ao doutor, pensou, e perguntou ao doutor: “O que é isso?”

“[...] O coração da Casa.”

[...] “Olhem”, Luke exclamou, apontando. Em uma ponta do corredor, sobre a porta do quarto das crianças, havia dois rostos sorridentes; sob a pretensão, ao que parecia, de que servissem de enfeites alegres para a entrada do quarto, não eram mais divertidos ou despreocupados do que os bichos lá dentro. O olhar deles, captado para sempre numa risada distorcida, encontrava e se firmava no ponto do corredor onde se concentrava o frio cruel. “Quando você está onde eles conseguem te ver”, Luke explicou, “eles te congelam.”

[...] “Não parece ser um frio *imparcial*”, disse Eleanor, incomodada porque não sabia direito o que queria dizer. “Senti que é *proposita*, como se alguma coisa quisesse me dar um choque desagradável.” (JACKSON, 2021, p. 95-97).

Suas portas que se recusam a permanecer abertas.

Theodora gritou de novo, tropeçou num móvel leve, xingou e em seguida abriram a porta e o doutor disse: “Bom dia”.

“Que casa abjeta, asquerosa”, Theodora exclamou, esfregando o joelho. “Bom dia.”

“Agora vocês não vão acreditar, é claro”, exclamou o doutor, “mas três minutos atrás essas portas estavam escancaradas. Deixamos abertas para vocês conseguirem achar o caminho. Nos sentamos aqui e vimos quando balançaram e bateram logo antes de você gritar. Pois bem. Bom dia.” (JACKSON, 2021, p. 78-79).

E seus cômodos que confundem aqueles que por eles andam.

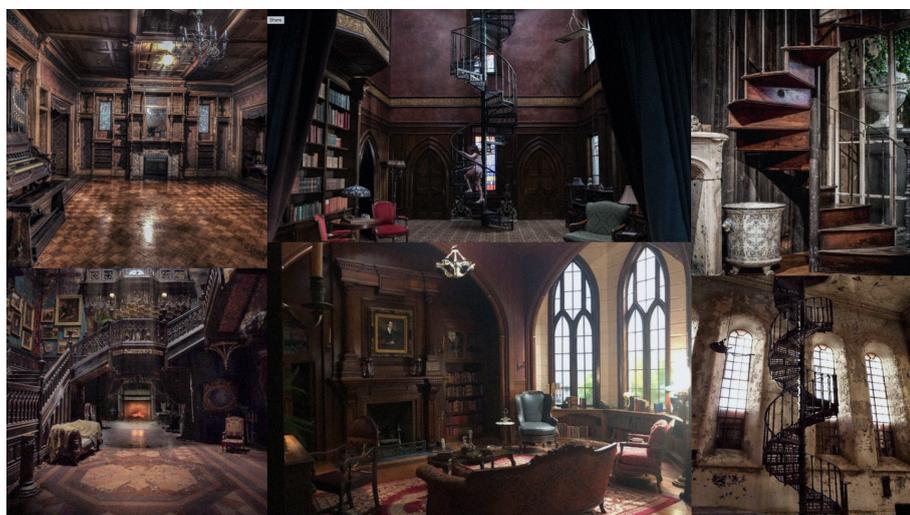


Imagem 11: painel semântico do interior da Casa.

A Casa é dotada de intencionalidades e vontades. É perceptível ao longo da narrativa como a todo momento ela busca se relacionar com os personagens e afetá-los de alguma forma, marcar presença e definir caminhos. Ela adentra os personagens e os percorre – por suas mentes, seus imaginários – da mesma forma que fazem com ela.

Ela se manifesta como qualquer outro personagem, até mesmo mais do que o restante. É onipresente na narrativa, não somente por ser o lugar onde tudo acontece mas por se fazer sentir a todo momento, ditando o ritmo dos acontecimentos e os direcionando. É um lugar-personagem que vai além de ter nele os sentimentos e características que os sujeitos relacionam a Casa, uma vez que ela já possui e demonstra seus traços singulares e personalidade antes mesmo da chegada de qualquer um dos personagens que acompanhamos no livro. É um lugar

personificado, que não apenas recebe traços e características que as pessoas que passam por lá a atribuem, mas algo que ela mesma mostra.

Não há nada que explique isso, a Casa repleta de traços que julgamos essencialmente humanos. Mas isso, em momento algum, é motivo o suficiente para invalidar o que percebemos e sentimos ao estar lá ou em lugares parecidos que encontramos em nossa realidade dita real e concreta, fora da literatura. Lugares que despertam memórias, desejos, impulsos. Que nos deixam felizes, tristes, com raiva e tantos outros sentimentos. Fazem com que nos comportemos de forma diferente pelo simples fato de estarmos ali – pensando para além das normas sociais que impregnam cada lugar.

“Existem teorias populares, no entanto, que desconsideram o sombrio, o misterioso; tem quem diga que os transtornos que estou chamando de ‘paranormais’ na verdade resultam de águas subterrâneas ou correntes elétricas ou alucinações causadas pelo ar poluído; pressão atmosférica, manchas solares, tremores de terra, todos têm seus defensores entre os céticos. As pessoas”, o doutor disse com tristeza, “estão sempre ávidas por dar nome às coisas, mesmo que o nome seja sem sentido, contanto que tenha uma sonoridade científica.” Ele suspirou, relaxando, e abriu um sorrisinho zombeteiro. “Uma casa mal-assombrada”, disse. “Todo mundo ri. Me peguei dizendo aos meus colegas da universidade que este verão eu iria acampar.” (JACKSON, 2021, p. 58).

Em algum momento durante minha jornada, principalmente ao longo da escrita deste trabalho, comecei a me atentar ao lugar que ocupava na história. Creio que, não em todas, mas em algumas obras, o *ser leitor* vai muito além de *aquele que lê*, principalmente quando nos relacionamos com a história e com os personagens de forma que eles marcam a nós e a nossa vida, ultrapassando as páginas e derramando-se em nossos cotidianos.

“Lembra-se do que conversamos? Sobre os sonhos?”

“Eles podem derramar.”

“Isso mesmo. É. Como acontece com um copo cheio d’água. Mas os sonhos de criança são especiais. Eles são como um oceano [...]. E os sonhos grandes... às vezes transbordam.” (FLANAGAN, 2018) ¹².

Pegando emprestado as palavras acima, penso ser um movimento extremamente parecido quando, em qualquer idade, uma obra literária nos impacta a ponto de se manifestar em nossas vidas e afetar em maior ou menor grau nosso

¹² Essa transcrição faz parte do primeiro episódio da série, no qual o pai de Nell a conforta após a mesma acordar chorando de um pesadelo. Ver referências ao final.

cotidiano e nossas escolhas. Esse trabalho é um exemplo disso. Nunca pensei em seguir por essa temática dessa forma. Foram vários encontros literários que em mim se estabeleceram e possibilitaram esse caminho. Um livro tem o poder de transbordar de suas páginas e derramar-se em nossas vidas de maneiras que, muitas vezes, nem percebemos, mas que nos acompanham sem nem precisarmos carregá-las.

A literatura transborda em minha vida, me afetou e me afeta. Mas mais especificamente nesta obra que me conduz neste trabalho, qual é a minha posição em relação à história e aos personagens que conheci? Estou em um lugar cercada de tantas pessoas, todas elas estão comigo e eu as acompanho, mas para elas minha presença não é sentida, não muda nenhum detalhe de suas experiências. Minha presença é inegável, mas onde me encontro? E como esse meu lugar consegue se relacionar com a Casa, os personagens e os autores que levo comigo?

Me vejo tendo que, mais uma vez, encarar o tempo de forma não linear e o espaço como uma sobreposição de lugares. Percebo-me em uma posição onde vivo o mesmo momento que os personagens, mas inserida – e inserindo – um outro espaço e tempo nessa relação. Tal qual quando pensamos nos diferentes planos de uma paisagem, a diferença entre as partes que a compõem bem como o todo de seu conjunto é inegável. Assim, ocupo, ao mesmo tempo, a época em que os personagens estão inseridos e a que vivo, meus momentos de leitura e os momentos em que os acontecimentos se dão para eles e se inserem em suas vidas. Quanto ao espaço, inegavelmente estive na Casa da Colina em todos esses momentos, mas também estive em meu quarto, na varanda, no ônibus, filas de espera e diversos outros lugares onde realizei essa leitura. Levo comigo apenas o livro ou também o(s) lugar(es)? A partir do momento em que me encontro com a Casa da Colina, me relaciono com ela, com os personagens e com a autora, ela, assim, passa a ser também um lugar meu, que carrego comigo e posso visitar quando quiser. A diferença está na forma como me transporto para lá. Lugares imaginários possuem a capacidade de ocupar, simultaneamente, espaços e lugares outros, que vão além daquilo que conseguimos perceber materializado ao nosso redor.

Agora, na reta final desta etapa dentro do processo de construção desse trabalho, gostaria de compartilhar uma questão que se manifestou em mim logo no início e que carreguei durante todos esses meses, me guiando em um caminho dentre vários que poderia ter seguido: seria então a literatura um lugar?

Para responder essa pergunta, pensei em, primeiramente, definir o conceito de lugar de acordo com alguns autores e dialogar com eles a fim de provar o meu ponto. Mas agora, no momento em que me encontro escrevendo essa parte que já tinha planejado a algum tempo, sinto que esse caminho não seria o melhor dentro daquilo que me propus a construir. Dessa forma, o que pretendo discutir a seguir é o resultado de todos esses anos no curso de Geografia, onde estive em constante contato com as mais variadas definições de lugar segundo os mais diferentes autores.

Essa variação conceitual ocorre inclusive entre diferentes países, por exemplo, Haesbaert (2014) aponta: “Lugar na Geografia anglo-saxônica, território no contexto das ‘geografias latinas’... Às vezes as palavras mudam mas os conceitos que elas portam permanecem muito próximos” (p. 89).

Por meio desse contato, desse encontro que se deu em mim, pretendo trabalhar com o meu entendimento de lugar a partir das exposições e discussões feitas até aqui, construídas a partir do que forma o lugar em *A assombração da Casa da Colina* (2021).

Mas antes de pensar a respeito da definição de lugar, gostaria de propor uma reflexão a respeito do espaço geográfico. Como o espaço geográfico se manifesta dentro das obras literárias de fantasia? Dentro do mundo dito real, concreto, lugar é uma categoria espacial que, segundo Tuan (1983, 2012)¹³, se encontra dentro daquilo que é definido como espaço geográfico, mas será que podemos dizer o mesmo dos lugares imaginários? Seria possível, dentro da imaginação, um lugar fora do espaço?

¹³ Para esse autor, “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (p. 151). Ele cunha para explicar essa situação o conceito de Topofilia, buscando romper com as perspectivas de um olhar do espaço apenas por meio de lógicas racionalistas, destacando os afetos e os sentimentos humanos como um valor a ser considerado nessa relação. Topofilia seria o elo afetivo entre nós e o espaço, elo que cria os lugares (para mais detalhes ver TUAN, 2012).

Seguindo esse raciocínio, poderíamos pensar que se é lugar, também é espaço, estando obrigatoriamente dentro de um conjunto, uma parte que forma o todo que é o sistema Terra. Porém, gostaria de relativizar esse postulado tão comum ao pensamento geográfico acadêmico. Em minhas vivências literárias envolvendo as dimensões relativas ao espaço, percebo e vivencio uma inversão: na literatura o lugar antecede o espaço. Não desejo afirmar a universalidade dessa vivência, mas trazer uma contribuição para as reflexões da Geografia a partir de como as relações espaciais presentes na literatura se expressam em mim: a emergência do lugar em primeiro plano.

Nos encontramos primeiramente com o lugar e todas as relações sujeito-meio que o compõem, com as vivências (VIGOTSKI, 2018) dos personagens que tornam esses lugares importantes também em (e para) nós. Esse é o momento em que conseguimos de fato nos conectar com a história. Só então, a partir disso, o mundo em que se passa a narrativa nos é apresentado e, de pouco em pouco, estabelece suas redes simbólicas e relacionais com cada personagem, caracterizando assim a importância de cada lugar.

Durante esse momento de movimentação relacional e de sobreposição entre os diferentes lugares dentro de um mesmo universo literário, é possível lembrar um ponto já discutido aqui, o do lugar que ocupamos enquanto leitores. É possível que muitos dos lugares e acontecimentos narrados marquem os sujeitos envolvidos nesse encontro (personagens, autor, leitores) de diferentes formas, possuindo para cada um um diferente grau de importância. Isso nos mostra, conforme conceituado por Bakhtin (2003, 2006) e Volóchinov (2017), quando falamos de exotopia, a existência de diferentes consciências que se formam e se encontram a partir de uma obra literária.

A literatura nos faz encontrar com outras formas de ver o mundo, com e a partir de outros olhos, sob outras espacialidades e temporalidades que não as que nos acostumamos a ponto de ter passado a acreditar serem as únicas possíveis. Seguindo o pensamento de Da Paz (2016, p. 4), a própria linguagem artística que forma o gênero fantasia expressa um outro modo de ser, diferentes percepções, sensações e emoções sobre a realidade que possuem tanta validade quanto aquilo que consideramos ser a realidade única e concreta que rege nossas vidas.

Assim, o lugar é constituído pelas nossas vivências, nossa relação com o meio e com as outras pessoas que dividem experiências conosco. É a vivência e experiência que temos do e no espaço que dá lugar ao lugar. Ele nos influencia da mesma forma que o influenciemos, nos inspira, alimenta em nós os mais diferentes sentimentos. Afeta. É coletivo e privado ao mesmo tempo, uma vez que é construído por cada um de nós. Cada um tem um ou mais lugares que possuem significados extremamente pessoais, transbordando memórias e lembranças, mas que, apesar desse tom pessoal, ainda assim é fruto de uma construção coletiva vivida em determinado espaço. O lugar é criado por e para nós.

Conforme vimos com Bakhtin (2006), é a atividade social em nós, nesse constante movimento relacional entre o eu, o meio e o outro, que nos possibilita formas de se relacionar com o mundo tal qual temos, criadas e transformadas ao longo de milhões de anos em nossa evolução e desenvolvimento enquanto espécie social.

Como então a Casa da Colina não é um lugar sendo que passei todos esses últimos meses dentro dela, me relacionando com ela e todos os seus elementos? É um lugar concreto para onde fui e posso voltar, um lugar que carrego comigo e que se manifesta nos mais diversos momentos da minha vida, sendo este trabalho apenas um exemplo.

O lugar é algo que criamos e toda criação tem como base a imaginação. Imaginação essa que é a mesma que aqueles que fazem, produzem as Artes em suas mais variadas formas usam para dar vida às suas obras, aos seus lugares.

6. “[...] eles não podem me obrigar a sair, não se a Casa da Colina pretende que eu fique”: e agora? A finalização de uma etapa é, ao mesmo tempo, o início e a continuação de um processo

“Jornadas terminam no encontro de amantes.”

(JACKSON, 2021, p. 194)

É chegado o momento de me despedir da Casa da Colina pela segunda vez. Há cerca de dois anos atrás, quando fiz esse movimento pela primeira vez, tinha vivenciado uma jornada emocionante e intensa mas, ao mesmo tempo, leve e despreocupada. Passei pelas páginas como quem caminha pelas ruas do lugar escolhido para passar as férias – sem me preocupar com os detalhes, focando em aproveitar o momento, os arredores e a companhia. Não esperava que fosse me encontrar com a Casa da Colina novamente e, muito menos, dessa forma. Cada canto por onde já havia transitado se mostrou de forma diferente desta vez, detalhes e nuances antes não percebidos mas que agora me saltavam aos olhos. Foi uma estadia cansativa mas que, ao olhar para trás, sinto que me trouxe prazer e realização, podendo agora carregar comigo novas vivências, experiências, reflexões e possibilidades. Carregando a marca de cada encontro que esta caminhada me permitiu, da mesma forma que eu, no início de todo esse processo, me permiti fazer essa caminhada.

Esse trabalho marca uma parte da minha vida mas, dá mesma forma, minha vida também o marca: ela está diluída ao longo dessas páginas. Compreender que a vida acontece na vida e que, por isso, é impossível me apartar dela a fim de priorizar meu olhar enquanto pesquisadora, fez com que a proposta e o desejo inicial fossem alcançados, apesar de todas as dificuldades, apresentadas nas mais diferentes esferas ao longo do caminho.

Nesse caminho, trilhado ao lado de muitos personagens e autores de diferentes obras literárias que me acompanham, pude perceber esta outra forma de ver e viver o mundo, essa inversão de planos de relação entre lugar e espaço ao tratarmos de literatura e de lugares imaginários, criados a partir da vivência humana e embutidos das mais diversas experiências do(s) sujeito(s) criador(es). Isso, de

forma alguma, significa ou reforça a ideia de uma posição axiológica entre conceitos espaciais.

Trata-se de uma oportunidade para perceber as diferentes formas de ver e pensar o mundo, buscando romper com o engessamento com o qual nos conformamos cada vez mais. Fica essa contribuição a ser partilhada e pensada juntamente com aqueles que se dedicam à Geografia como ciência e aos que buscam, por meio da literatura, um diálogo que promova formas outras de se relacionar com o mundo. Precisamos nos dedicar a compreender cada vez mais, a olhar os muitos espaços que fazem parte do nosso viver e como eles dialogam conosco e nós com eles, como eles dialogam entre si, o ser humano e suas relações como ser de linguagem e que se faz na linguagem. Espaços que são também os escritos, os narrados e os enunciados.

Para finalizar, agora sinto que o passado, presente e futuro se encontram para que eu possa refletir sobre o impacto dessa experiência em minha vida pessoal, profissional e acadêmica. Mudanças percebidas, movimentos que estão acontecendo e possibilidades para o futuro, tudo ao mesmo tempo. Lembro-me do que Eleanor disse na reta final da série e sinto que agora posso entendê-la, não melhor, mas sim de outra forma, com outros olhos.

“Eu sempre pensei que o tempo era como uma linha. Que nossos momentos eram como dominós, e eles caíam um em cima do outro, e assim por diante. Só dias, um depois do outro, e do outro, em uma longa fileira entre o começo e o fim. Eu estava errada. Não é nada assim. Nossos momentos caem à nossa volta como chuva. Ou neve. Ou confete. [...] Amei vocês completamente... e vocês fizeram o mesmo. Isso é tudo. O resto é confete.” (FLANAGAN, 2018) ¹⁴.

Da mesma forma que a vida não se encerra na vida, esse trabalho também não se encerra em suas considerações finais ou em sua apresentação, pois

“A própria Casa da Colina, desprovida de sanidade, se erguia solitária contra as colinas, encerrando as trevas em seu interior; estava desse jeito havia oitenta anos e talvez continuasse por mais oitenta. Lá dentro, as paredes continuavam de pé, tijolos se juntavam com perfeição, assoalhos estavam firmes e portas

¹⁴ Essa transcrição faz parte do décimo episódio da série, onde Nell faz um monólogo perante seus irmãos. Ver referências ao final.

estavam sensatamente fechadas; o silêncio se escorava com equilíbrio na madeira e nas pedras da Casa da Colina, e o que entrasse ali, entrava sozinho.” (JACKSON, 2021, p. 195).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: HUCITEC, 1995.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, M. de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DA PAZ, A. **O que é Fantasia Fantástica?** Revista Pandora Brasil, v. 74, 27 set. 2016.

ECO, U. **História das terras e lugares lendários**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

ESPINOSA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GENSHIN IMPACT. **Character Demo - "Raiden Shogun: Judgment of Euthymia"** | Genshin Impact. Youtube, 31 ago. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mvrW4aKwAXw>. Acesso em: 7 jan. 2023.

HAESBAERT, R. **Viver no limite**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2014.

HOZIER. **Swan Upon Leda**. Estados Unidos: Universal Island Records. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eOwzx_7iNBo. Acesso em: 7 jan. 2023.

JACKSON, S. **A assombração da Casa da Colina**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021.

LOPES, J. J. M. As palavras são as nossas primeiras formas de existir geograficamente no mundo: enunciações sobre amorosidade espacial. *In*: CONCENCIO, Marcia; DUARTE, Angélica (org.). **Palavras bakhtinianas para mudar o mundo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

PERRIN, V. **Água fresca para as flores**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

SWIFT, T. **long story short**. Nova York: Republic. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rqQHa2HcGtM>. Acesso em: 7 jan. 2023.

THE HAUNTING OF HILL HOUSE. Mike Flanagan. Estados Unidos: FlanaganFilm, Amblin Television, Paramount Television.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: EDUEL, 2012.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tomo IV. Madrid: Visor y A. Machado Libros, 2006.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamiento y habla**. Buenos Aires: Colihue, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na Infância**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de Pedologia**. Rio de Janeiro: Epapers, 2018.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora trinta e quatro, 2017.

REFERÊNCIAS E FONTES DAS IMAGENS

IMAGEM 1:

Desenho de minha autoria para este trabalho.

IMAGEM 2:

Fotografia por **Erich Hartmann**. Disponível em: <https://www.newyorker.com/books/this-week-in-fiction/shirley-jackson-07-11-22>.

IMAGEM 3:

Ilustração por **John Rocco** para a série de livros Percy Jackson e os Olimpianos.

IMAGEM 4:

Poster da Série “The Haunting Of Hill House” de 2018, produzida pela Netflix, dirigida por **Mike Flanagan**. Disponível em: <https://www.filmegitmedenonce.com/2020/10/haunting-of-bly-icin-mike-flanagan-ve.html>.

IMAGEM 5:

The Haunting of Hill House, Shirley Jackson. Capa ilustrada por **Matt Mahurin**, Editora Centipede Press. 2019.

The Haunting of Hill House, Shirley Jackson. Capa ilustrada por **Paul Buckley**, seleção de Guillermo Del Toro, Editora Penguin Books. 2013.

The Haunting of Hill House, Shirley Jackson. Editora CBS Inc. 1982.

Pôster de The Haunting of Hill House. Ilustrado por **BA Reacts**. Disponível em: <https://www.redbubble.com/i/photographic-print/the-Haunting-of-Hill-House-poster-by-BA-reacts/64572759.6Q0TX>.

The Haunting of Hill House, Shirley Jackson. Editora Merry-Go-Round (Tailândia). 2020.

IMAGEM 6 e 7:

Chateau Nottebohm, Brecht, Bélgica. Fotografia por Flo Döhmer. Disponível em: <https://www.foto-doeheimer.com/chateau-nottebohm>.

Ruínas de **Carleton Island Villa** projetada pelo arquiteto William Henry Miller em 1894. Foto de Pricey Pads. Disponível em: <https://www.habitissimo.com.br/ideias/13-casas-abandonadas-para-morrer-de-medo>.

Casa Museo Salto del Tequendama, San Antonio del Tequendama, Colômbia. Fotografia por Arturo Aparicio. Disponível em: <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2013/07/antigo-hotel-que-parece-casa-mal-assombrada-vira-museu.html>.

Casa usada de cenário para a série da Netflix **The Haunting of Hill House**. Fotografia por Steve Dietl, 2018. Disponível em:

<https://exame.com/colunistas/sobre-filmes-e-series/a-maldicao-da-residencia-hill-nov-o-horror-da-netflix-tem-data-de-estreia/>.

Casa Mal Assombrada, vik123, Getty Images. Disponível em: https://finance.yahoo.com/news/real-reason-victorian-houses-tend-231200439.html?guccounter=1&guce_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ29vZ2xlLmNvbS8&guce_referer_sig=AQAAALWrj46mGghg-soLpFI-zNi-tVOkfj-l3aiv4GrM8l5VBFrir_knaeQWADAJA_LNd4flYcPk3xKJHi5VJgg0XfT0S0Dxx9Zx7CfK9C8WicO_55BDEQGjv1bnm4zg1rmnD6wx8zIIYdft4ZF3AaOSVdZIW7IM8ElggwpgdpFz1om65.

Fotografia por Julien Mauve de sua coleção **After Lights Out**, 2013-2017. Disponível em: <http://www.julienmauve.com/after-lights-out>.

Quadro da série de TV da Netflix **The Haunting of Hill House**, dirigida por Mike Flanagan, 2018.

Kinmel Hall, Conwy, País de Gales. Fotografia por Victorian Society. Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2021/feb/28/pleas-to-save-historic-versailles-of-wales-before-it-falls-into-ruin>.

Blackborough House, Inglaterra. Fotografia por Strutt & Parker. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/abandoned-mansion-english-countryside-2020-9>.

Barber Family House, Belmont, Washington. Fotografia da Biblioteca do Congresso. Disponível em: <https://ggwash.org/view/3975/lost-washington-belmont>.

“Asylum D”, **North Wales Hospital**, País de Gales. Fotografia por Matthew Field, 2011. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/fieldym/5464243507>.

Chateau Miranda, Bélgica. Fotografia por Matt Forgotten Heritage. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BPZe4svDU48/>.

IMAGEM 8:

Torre de Babel - Pieter Bruegel, 1563. Óleo sobre painel. Museu de História da Arte, Viena.

Babylon city and its hanging gardens. Hand Colored copperplate engraving from Robert von Spalart's "Historical Picture of the Costumes of the Principal People of Antiquity and of the Middle Ages," Metz, 1810.

Projeção 3D feita pelo History Channel dos Jardins Suspensos da Babilônia. Disponível em: <https://epochalnisvet.cz/po-stopach-legendarnich-visutych-zahrad-kde-se-mohly-nac-hazet/> (imagem).

Atlântida. Disponível em: <https://www.greecehighdefinition.com/blog/2018/11/22/is-crete-or-santorini-the-lost-antis>

El Dorado. Disponível em: <https://www.iprima.cz/tema/jinzi-amerika>

IMAGEM 9:

Esboços de Shirley Jackson para **The Haunting of Hill House**. Disponível em: <https://www.allarts.org/2018/10/woman-of-halloween-writer-shirley-jackson/>.

IMAGEM 10:

Fotografia por **Christoph Morlinghaus**. Mansão vitoriana de 3 andares, Avenida Ditmas, 1890, Parque Ditmas, Nova York. Disponível em: https://moodboard.typepad.com/my_weblog/2007/10/miss-havishams-.html.

IMAGEM 11:

Quadro do longa-metragem **A Colina Escarlata** (Crimson Peak), dirigido por Guillermo Del Toro, 2015.

Salão de festas da famosa **Mansão Winchester**. Disponível em: <https://www.magnusmundi.com/winchester-mystery-house-casa-mal-assombrada/>.

Quadro da série de TV da Netflix **The Haunting of Hill House**, dirigida por Mike Flanagan, 2018.

Cenário da série de TV da HBO **Lovecraft Country**, produzida por Misha Green em conjunto a Jordan Peele, JJ Abrams e Ben Stephenson, 2020. Disponível em: <https://www.architecturaldigest.com/gallery/lovecraft-country-set-design-hbo>.

Estande da feira de artes e antiguidades **PAN Amsterdam**, 2016. Disponível em: https://www.pietjonker.nl/projecten/pan-amsterdam/#&gid=gallery_2b5dd8d8da1bfeb390fe9d6b39dc48&pid=2

AGRADECIMENTOS

Da mesma forma que o lugar se constrói a partir de sentimentos e relações, esse trabalho também o faz. Apesar de meu esforço pessoal e comprometimento, nada do que está presente nessas páginas seria possível sem as diversas pessoas com que me encontrei, não só ao longo desses meses de pesquisa, mas em toda minha trajetória de vida. Faço questão de aproveitar desse momento e lugar tão significantes para mim para expressar meu carinho e gratidão por cada uma dessas pessoas.

À minha mãe, que sempre insistiu e se esforçou para que eu seguisse esse caminho. Ela me conta que também queria e quase chegou a ser professora, mas a vida teve outros caminhos para ela. Mãe, espero poder carregar um pouco desse seu desejo em minha caminhada, e que essa seja apenas uma das coisas que poderei fazer para te trazer alegrias ao longo dessa vida.

À minha família, que sempre esteve ao meu lado durante todos os momentos. Todos vocês, uma presença constante que muito aprecio pelo carinho, preocupação e estima.

Aos professores, que desde sempre marcaram minha caminhada e fizeram possível, por vias diversas, que eu chegasse até aqui. Além do cuidado e dedicação próprios da profissão, o carinho de vocês fez, e ainda faz, toda diferença em mim. Apesar de ser grata a todos os professores com quem pude me encontrar ao longo de minha formação, gostaria de destacar algumas pessoas pelas quais tenho um carinho especial. Da Escola Municipal Murilo Mendes, meus agradecimentos aos professores Rafael, Cristina, Adriana Antunes e Rita. Da Escola Estadual Delfim Moreira, aos professores Emerson, Telma, Alberto e Diego.

À todos aqueles que compõem e constroem a Universidade Federal de Juiz de Fora, em especial ao Departamento de Geociências e a Faculdade de Educação.

Ao meu orientador, Jader, a quem me faltam palavras para agradecer. Não só como professor pelo apoio e incentivo gigantescos durante todo o processo de pesquisa, mas como pessoa extremamente humana com quem tive o prazer de aprender tanto sobre Geografia, Educação e vida. Sua forma de ensinar, se

relacionar com o mundo e com as pessoas e de levar a vida me inspiraram e continuarão a inspirar.

À professora Juliana, que teve um papel inicial e decisivo nessa caminhada. Muitas coisas mudaram desde que nós conversamos pela primeira vez a respeito desse trabalho. Espero que você não ligue de eu ter largado Freud no meio do caminho, mas sou muito grata por ter tido você até o final. Obrigada pela acolhida a por sempre se fazer disponível e disposta a partilhar seus saberes e nos receber.

Ao professor Luiz Miguel, que aceitou participar da leitura desse texto e dividir seus comentários.

Aos meus amigos que tive a sorte de conhecer graças a universidade.

Alberto, obrigada por sempre estar comigo, me aguentando, incentivando e, às vezes, até me obrigando a seguir em frente e confiar mais no meu potencial. Esse trabalho tem mais sua contribuição do que você imagina. Obrigada pela coragem que, mesmo sem saber, você compartilhou comigo até aqui.

Gláucia, que a cada dia se mostra uma amiga e pessoa melhor do que eu poderia imaginar. Que esteve comigo, deixou de estar, voltou e que agora espero que fique para sempre. Nos encontramos em 2018, mas sinto que até hoje ainda estou te conhecendo e, a cada dia, fico mais feliz pelo que tenho a oportunidade de ver.

Bárbara, com quem, infelizmente, tenho menos contato do que gostaria, mas que em todos os momentos em que estivemos juntas alegrava meu dia e trazia palavras que carregarei sempre comigo.

Gabriel, Cecília e Talles, que conheci graças à Gláucia e Alberto. Cada um de vocês à sua maneira marcam minha vida de um jeito especial.

Aos amigos que conheci antes da faculdade.

Juliana, é estranho ser carinhosa com você, amiga, precisamos melhorar isso. Mas espero que saiba que gosto de você mil vezes mais do que implico contigo. Até quando ficamos semanas sem se falar por preguiça ou meses sem se ver mesmo morando na mesma cidade, cada momento em que estamos juntas compensa tudo.

Cassiane, que me viu todos os dias de manhã por três anos sendo a pessoa mais mal humorada do mundo e mesmo assim insistia em me abraçar e dar bom dia. Me obrigava a prestar atenção na aula e fazer as coisas. Que entendeu e aceitou o jeito que sou, sempre teve e ainda tem uma paciência inexplicável comigo. Que cuidou de mim e esteve do meu lado em todos os momentos que precisei. Obrigada por esperar o melhor de mim e para mim, mesmo quando eu já não espero.

Aos amigos com quem, apesar da distância, mantenho laços estreitos.

Giovana, depois de 10 anos a gente fica sem saber o que dizer não é, amiga? Você já sabe de tudo e mais um pouco do que eu poderia falar aqui. Mas deixo um agradecimento especial por ter me ajudado tanto com as imagens nesse trabalho. Com todo o resto na minha vida também.

Danielle, como você mesma diz, apesar de nos conhecermos a pouco tempo, já construímos uma relação que cresce e se torna mais importante a cada dia. Espero que continuemos implicando diariamente uma com a outra por muito mais tempo. Agora finalmente vamos poder jogar Genshin em paz sem nenhum TCC para atrapalhar nossos compromissos.

Amanda, que me conheceu quando eu era uma adolescente besta e ainda está comigo para me ver sendo uma adulta mais besta ainda. Obrigada pelo seu apoio nos momentos bons e ruins, sem nunca perder sua essência, mesmo em assuntos sérios.

Carol, a primeira pessoa com quem compartilhei essa ideia, em tom de brincadeira, e que logo de cara me apoiou, me incentivando a seguir em frente, mais animada do que eu mesma. De certa forma esse trabalho também é seu.

Rafaela, diretamente de Osasco. Não nos falamos com frequência, mas sempre que acontece é de uma forma extremamente natural e isso me traz um sentimento muito bom, espero que você sinta isso também.

À todos da FUNALFA que me receberam tão bem desde que comecei meu estágio. Tem sido uma experiência incrível, cada dia aprendendo mais com todas as pessoas que transitam por lá e ajudam a construir e manter viva a cultura de Juiz de Fora. Em especial gostaria de agradecer ao pessoal do Departamento de Cultura e

Território: Azarias, Selmara, Larissa, Ana Paula. E Silvânia, com quem estou tendo o prazer de aprender tantas coisas que levarei comigo na área profissional e para a vida. Já percebi a pessoa maravilhosa que você é naturalmente com todos a sua volta, sou imensamente grata por poder estar entre essas pessoas e poder sentir esse imenso carinho e paciência que você tem tido comigo desde que nos conhecemos. É uma felicidade enorme poder conviver com você e sentir todas as suas boas energias. Independente do que há de vir, sempre te carregarei comigo de uma forma muito especial.

À Esther Yu, Blackpink e Perrie Edwards. Não poderia deixar de agradecer os principais pilares da minha personalidade em diferentes épocas.

Por último, àqueles que me acompanharam por certo período mas que, por diversos motivos, não estão mais ao meu lado hoje. Esse trabalho também é para vocês. A vida é cheia de encontros e desencontros, mas nada pode tirar a contribuição da simples presença de alguém em nossas trajetórias.